A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

PRIVATE

• ANO XIV • Nº 147
• Abril 1997
• R$ 5,00

CIRCULAÇÃO NACIONAL

BÁRBARA
uma loirinha cheia de desejos

CIBELE
deusa africana

SAILOR & GUEISA
transa à moda oriental

TESTE
sexo: como anda seu desempenho?

CORREIO
401 convites para o amor

ISSN 1414-1361 00147
9 771414 136005

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

CLOSE: 298 fotos para levantar seu "moral"

PRIVATE

Ano XIV, nº 147

ABRIL 1997

- ESPAÇO ALTERNATIVO 4
- MODELOS PRIVATE
  - Cibele 8
  - Bárbara 52
  - Sailor e Gueisa 60
- LEITORES EM CLOSE 14
- CORREIO CONFIDENCIAL 24
- DIÁRIO SEXUAL 32
- TRIBUNA DO LEITOR 42

Com a chegada do friozinho de outono, nada melhor que uma boa companhia para nos aquecer. E calor é o que você tem de sobra, aqui na Private. Escolha à vontade. Com tantas propostas publicadas, certamente encontrará sua alma gêmea, ou somente aquela pessoa que vai proporcionar-lhe horas agradáveis. Desejamo-lhe boa sorte e muito sucesso em suas aventuras. Mas tome cuidado: faça sexo saudável, previna-se, use camisinha!

PUBLICIDADE:
INFORME-SE TELEFONE:
(011) 229-0367

ASSINATURAS:
0800-556969

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO LEITOR (011) 228-3795
Horário: das 14 às 17 horas

- **Diretor Executivo:** Pedro Galvão Moreira
- **Editor Responsável:** Moacir Machado
- **Secretária de Redação:** Elizete Madeira
- **Redação:** Eduardo Miranda, Ivonete M.Nascimento, Maria A. Moreira
- **Revisão:** Eduardo Miranda
- **Departamento de Arte:** Sílvia Ribas, Fábio Moreira, Adriana Corradi
- **Ilustração:** Studio Private
- **Fotografias:** Mário Costa, Studio Private
- **Editoração Eletrônica:** Studio Private
- **Digitação:** Salete D. Henrique
- **Fotolitos:** Yanguer
- **Impressão:** Parma

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O PAÍS:
FERNANDO CHINAGLIA Distribuidora S.A.
RUA TEODORO DA SILVA, 907 - FONE: (011) 575-7766
RIO DE JANEIRO, RJ.

PRIVATE é uma publicação mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 113, Luz, São Paulo, SP, CEP 01105-040, Fax 229-1679, Telefones 229-0367 e 229-8915. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa.
Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.

Cibele

Um presente especial para os leitores da Private!

Na França, onde Cibele mora atualmente, corre o boato de que ela é uma princesa de verdade. Para nós, isso não tem muita importância. Com ou sem sangue azul, suas formas majestosas fazem dela uma rainha da beleza.

A Europa já está se curvando diante do seu ar imponente e selvagem; e, brevemente, a América também acabará rendendo-se ao brilho primitivo destes olhos negros cheios de mistério e promessas de prazer.

O Verdadeiro E.T. de Varginha

Noite chuvosa na capital mineira. Eu, debaixo de uma marquise, sozinho. Frio, relâmpagos. Nem uma carona, um táxi, um ônibus, uma mula que fosse... nada! O relógio, embaçado pela umidade, marca uma hora da manhã. Pensamentos vagos e certa ansiedade tomando conta de mim. De perder a paciência, aquela solidão (se bem que o poeta, um dia, escreveu que "o homem mais poderoso do mundo é aquele que está só").

Respirei fundo e corri para atravessar a rua. Com os bueiros entupidos, todo o esgoto da cidade parecia ter vindo à tona. Encharcado, depois de uma eternidade, consegui atravessar o asfalto imundo. Dobrei a esquina e entrei numa avenida mais larga. Avistei os faróis de um carro vindo em minha direção. Apesar da cortina de chuva, pude ver que o automóvel não se parecia com nenhum modelo que eu já tinha visto, nem mesmo importado. Suas linhas tinham uma espécie de beleza exótica.

Pensei logo na história do ET de Varginha e dei uma risada. Se alguém visse, pensaria que eu tinha ficado louco. Acenei freneticamente; quem sabe o motorista parava. E se fosse mesmo um E.T.? Afinal, como dizia outro poeta, tudo é possível! Naquela altura do campeonato, podia ser até o diabo em pessoa guiando o carro esquisito. Eu só queria uma carona, pelo amor de Deus!

Ele parou e buzinou. Corri em sua direção o mais depressa que a água e o lixo permitiam. Ouvi o barulho de algum tipo de maquinismo sendo acionado. A porta do carona abriu como num passe de mágica — coisas da eletrônica! Entrei às pressas. Quando reparei no motorista, a surpresa. Ali estava o meu E.T.: loira, olhos claros, lábios carnudos, pernas cobertas por meias finíssimas, pés descalços. Engoli em seco.

A loira apertou um botão e a porta se fechou ao meu lado. Após dar a partida, perguntou:

— Está indo pra onde?

Observei-a mais atentamente. Ivo Pitangui devia ter feito aquela escultura de nariz; certamente havia lapidado com um bisturi de ouro de 24 quilates aquele queixo perfeito. "Não, não está acontecendo comigo", pensei, pasmo e encharcado, dentro daquela máquina possante, e ao lado de uma máquina que me parecia mais possante ainda.

— Com você, vou para o quinto dos infernos — respondi.

Uma resposta tola, talvez, digna de um amador. Mas eu não estava em condições de procurar as palavras certas. Educada, a loira replicou:

— Nada disso! Vamos é para o céu...

Realmente, o céu existe! Fica num flat, no Alto das Mangabeiras, região nobre da cidade. Depois de guardar o BMW — o O.V.N.I, afinal de contas, era apenas um BMW —, subimos para a suíte celestial.

— Tome um banho — ofereceu a gata. — Vou preparar alguma coisa para a gente comer.

Eu devia estar com a maior cara de bobo alegre, porque ela riu e disse:

— Que cara é essa? Sinta-se em casa...

Não perguntou meu nome. Nem eu o dela. No quarto, vi uma coisa parecida com um leito nupcial das Mil e Uma Noites, enorme, recoberto por fronhas e lençóis de cetim e uma profusão de almofadas. Tapetes persas forravam quase todo o assoalho; e, do teto, pendia um lustre de cristal. Nas paredes, reproduções de luxo de Rembrandt, Van Gogh e outros mestres. Fechei os olhos, contei até dez e abri-os novamente. Era verdade, aquilo era mesmo real.

A loira chupou e lambeu meu caralho como se fosse sorvete

Demorei no banho, com direito a hidromassagem e tudo. Enrolei-me nas toalhas e abri a porta do banheiro devagar. Ela havia acabado de depositar a bandeja de prata sobre o criado-mudo.

— Pode ir comendo que eu já volto — ofereceu.

Comi, ah!, como comi! Arrotei alto. A loira demorou a voltar. Quando final-

mente apareceu, estava vestida apenas de roupão.

— Vem — chamou.

Acreditem se quiser, mas foi só naquele momento que percebi que iríamos trepar!

Aproximei-me e livrei-a do roupão, que escorregou para o tapete. Trocamos um beijo intenso. Num gesto impulsivo, tentei pegá-la no colo. Que besteira! Fomos ambos para o chão. Rimos. Levantei-me e puxei-a para a cama. Um compartimento escondia uma porção de botões. A gata apertou um deles e fez o quarto encher-se de música clássica. Em seguida, sem mais rodeios, caiu de boca no meu pau.

A loira chupou e lambeu meu caralho como se fosse sorvete. Enfiava tudo até o fundo da garganta, tirava, brincava com a língua na cabeça intumescida e olhava-me com cara de puta. Ao mesmo tempo, acariciava minhas coxas, minha bunda e meus colhões. Chupou tanto que deve ter dado calo na sua boquinha sapeca.

Depois, foi a minha vez. Saboreei demoradamente sua boceta depilada, antes de meter o caralho. Enfiei sem dó nem piedade, sem cadência, sem paciência, sem carinho. Meti com força e com raiva, endoidecido pelo prazer. Arrisquei uns tapas naquele rostinho ao mesmo tempo angelical e demoníaco, de santa e meretriz.

— Isso! Bate! Bate, seu desgraçado! — ela gritou.

Era o que eu queria ouvir.

— Não tenha dúvida, vagabunda! — rosnei.

Coloquei mais peso na mão e esbofeteei seu rosto várias vezes. Quando estava prestes a gozar, virei minha escrava de costas, pois queria esporrar no olho do seu cu. Dei a inevitável cuspida e avisei:

— Se prepara, galinha, que vou estourar seu rabo!

A penetração foi fácil. Aquele cuzinho estava acostumado com a coisa. Não foram precisos muitos movimentos para eu inundar suas entranhas com meu esperma.

A noite estava apenas começando...

Nunca mais vi aquela mulher. Ela não existe! E, se existir, deve ser de outro planeta. Quem sabe, não é o verdadeiro E.T. de Varginha?

Jonas, Caixa Postal 1391, Belo Horizonte, MG, CEP 30161-970.

O Dominador e o Casal Submisso

Minhas experiências nessa vida secreta e tão especial, que vislumbramos nas páginas da Private, começou há muito tempo, quando ainda não tinha vinte anos.

Havia feito amizade com um casal em uma festa. Um belo dia, o marido disse-me, com a maior honestidade possível, que os dois estavam querendo ir para a cama comigo. Tomei o maior susto da minha vida. Que ela quisesse dormir comigo, eu entendia, é claro. Que ele quisesse, tudo bem, também; não era a minha, mas, que diabo!, tem gosto para tudo nesse mundo. Mas os dois de uma vez só?!

Ele riu da minha surpresa e disse que se tratava de uma coisa muito comum. Existem casais que precisam de um terceiro parceiro para poderem exercer seu casamento em toda a plenitude. Enfim, os dois convenceram-me, e fui para a cama com eles. Foi minha iniciação.

Estávamos no final da década de 70, uma época mais risonha e franca, na qual falava-se muito em amor livre. E, nesse dia, descobri que meu grande tesão é fazer amor com casais que gostam de ménage. Com aquele casal original, descobri que meu maior prazer é ser o macho dos dois e fazer com que gozem muito.

Dizem que tudo o que é bom vicia. Concordo. Depois dessa experiência, comecei a descobrir uma enorme quantidade de casais normais, iguais a quaisquer outros, absolutamente integrados na sociedade careta e repressora, mas que viviam de forma constante suas fantasias e seus prazeres secretos. Nunca mais fiquei longe disso. Minha vida normal seguiu como a de todo mundo: trabalho, família, amigos. Mas, de vez em quando, um sinal se acendia, e eu experimentava de novo um mergulho no mundo maravilhoso do swing e do ménage-à-trois. Voltava revigorado para a vida de todo dia, sem ninguém saber que aqueles secretos momentos de prazer especial eram a pró-

a uma péssima transa sexual.

Fui levando a conversa na direção desejada, e os dois se abriram comigo de forma muito honesta. A situação não podia ser mais interessante. No meio de um restaurante chique e apinhado de gente, dois homens e uma mulher conversando seriamente. O assunto? Sexo, dominação, histórias de grandes gozos e prazeres. E o tesão a crescer entre nós, nossos olhares falando mais que nossas palavras.

Saímos do restaurante. No carro, entreguei ao casal o meu presente de primeiro encontro. Era um verdadeiro kit de submissão, com chicote de couro macio, algemas de couro, dildos de vários formatos e tamanhos, enfim, tudo o que poderia ser usado em uma transa desse tipo. A alegria de Carla era a de uma criança ganhando presentes no Natal, seus olhos brilhavam. Luís também estava muito feliz. Nesse momento, decidi fazer o convite:

— Vamos?

Houve alguma hesitação, compreensível, é claro. Já era uma da manhã e estávamos apenas no primeiro encontro. Senti que faltava uma posição firme da minha parte.

— Vamos agora! — ordenei. — Vou levar os dois, e vamos nos divertir muito. Eu decido, vocês gozam...

Entramos no motel sem problemas (como costuma acontecer em cidades civilizadas!). No quarto, os dois começaram a tirar a roupa. Carla estava sem calcinha e usava uma meia-calça extremamente vazada e excitante. Para minha agradável surpresa, Luís estava vestindo um par de meias "arrastão" brancas.

Mandei ambos deitarem de bruços na cama. Suas bundas eram idênticas, bronzeadas, macias, depiladas, femininas. Pedi que ficassem de quatro e mostrassem os cuzinhos. Eles arreganharam as nádegas e exibiram dois anelzinhos rosados, gostosos, já brilhando com algum lubrificante. Fiquei felicíssimo ao ver que tinham vindo preparados para o que desse e viesse. Comecei a enfiar os dedos nos dois cuzinhos à minha disposição, experimentando sua elasticidade e firmeza. Eram cus realmente dispostos a tudo.

Carla gostava mais de ser acariciada no cu que na boceta

O tesão que emanava de nossos corpos esquentava o apartamento. Coloquei o pau para fora e ordenei a Carla que o chupasse. Ela veio chegando e abocanhou meu pau com sofreguidão, enquanto Luís, meio sem jeito, olhava de longe.

— Quer chupar também? — perguntei.

Luís fez que sim. Já vinha se aproximando, quando eu disse que não. Perguntei para Carla se seu marido era uma femeazinha obediente. Ela respondeu que sim, sem tirar meu pau da boca. Falei que, daquele momento em diante, Luís seria minha outra fêmea e que seu nome seria Luísa. Ele soltou um longo suspiro, de extremo prazer, e sorriu. Então, as duas — Carla, com seus cabelos louros e sua boca faminta, e a recém-batizada Luísa, com sua língua ágil e molhada — dividiram meu pau e meu saco por um bom tempo, deixando-os brilhando de saliva.

Meu pau já estava inchado até o limite do suportável. Carla deitou-se, deixando Luísa chupar meu pau sozinha. Que danadinha, a Luísa! Enfiava meu pau inteiro na boca, quase até a garganta (engasgou diversas vezes no processo), deixando-me explodindo de tesão. Carla chegou a comentar:

— Luísa chupa muito melhor que eu...

Enquanto o marido me chupava, fiz a Carla mais perguntas sobre a vida sexual do casal. Fiquei sabendo que os dois não tinham relações normais há muito tempo. Sua rotina consistia de longas sessões de masturbação mútua, quando cada um enfiava os dedos ou o que estivesse à mão no cuzinho um do outro. Sonhavam com alguém que os fizesse felizes, dominando-os.

Peguei um dildo e mandei Carla lubrificá-lo. Luísa olhava o artefato com preocupação. Estava com medo de ser enrabada. Dei uma risada, coloquei Carla de quatro e comecei a chupar sua boceta, ordenando a ela que também chupasse o marido. Carla tem uma boceta fresca e saborosa, e seu grelinho vermelho e inchado é uma delícia.

Eu já tinha notado que Carla gostava mais de ser acariciada no cu que na boceta. Por isso decidi que não comeria seu cu enquanto não a fizesse gozar muito pela boceta. Penetrei sua flor avermelhada e cheirosa e comecei a movimentar-me devagar, rodando os quadris para todos os lados, tocando com a cabeça do pau todas as dobras internas da vagina. Carla gozou mansamente, no princípio, depois começou a debater-se e a gritar. Luísa deixou-nos e foi até o banheiro.

— Ai, meu Deus! — gritava Carla. — Há quanto tempo não gozava assim pela boceta!

Eu mantinha minhas mãos longe do seu cu, a fim de que nada a distraísse do prazer vaginal. Ordenei no seu ouvido que gozasse em silêncio para que Luísa não ouvisse. Carla teve de morder os lençóis para não gritar.

Quando o marido voltou e deitou-se na cama, interpelei-o:

— Então, você não tem comido nem a bocetinha nem o cuzinho arreganhado da Carla? Você é uma menina muito mal-

vada e merece um castigo.

E, voltando-me para a esposa, perguntei:

— Não merece, Carla?

— Sim! — respondeu ela.

Colocamos Luísa de quatro, com o rabo bem arreganhado, e comecei a enfiar o pênis sintético. Foi um drama! Luísa travou o cu. Choramingava como se fosse a primeira vez:

— Ai! Tá doendo... é muito grosso... não vai entrar!

Dei-lhe dois tapas bem dados na bunda — que inchou imediatamente, avermelhada —, aquietando-o um pouco. O cacete de borracha entrou até a metade. Sabia que ele estava brincando, imitando uma virgenzinha anal, o que era muito excitante.

Fiquei um bom tempo comendo as duas ao mesmo tempo. Elas se olhavam nos olhos e falavam bobagens do tipo:

— Olha, meu amor, o nosso macho me comendo!

— Tá comendo você gostoso, tá?

Botei os dois na posição de 69, com Carla por cima, para que, enquanto eu comesse sua boceta, Luísa chupasse nós dois ao mesmo tempo. O tesão crescia cada vez mais, mas eu ainda estava longe de gozar. Ainda tinha muito o que fazer com minhas duas putinhas. Naquele instante, marido e mulher haviam-se transformado em duas putas dispostas a tudo. Carla estava completamente solta, voltada exclusivamente para o tesão do momento. Luís transfigurara-se numa verdadeira mulherzinha, às vezes um pouco envergonhado, o que só lhe dava mais charme. Mostrava um prazer muito grande de poder ser mulher junto com a esposa. E eu sentia enorme satisfação ao ver as duas felizes por poderem viver uma fantasia tão especial.

Tornei a foder a boceta quente de Carla, por trás. Enfiei dois dedos, depois três, no seu cu receptivo. Estava na hora. Troquei de camisinha e bombeei com força, esgarçando as paredes do ânus. Luísa incentivava:

— Arrebenta ela! Mete com força!

O cu de Carla mordia meu pau com sofreguidão, mastigando a cabeça, puxando-o para o fundo das entranhas. Quando eu estava quase para gozar, Carla afastou-se. Tentei puxá-la de volta, dizendo que queria gozar dentro. Mas ela trouxe Luísa para o lugar dela e falou:

— Não! Goza no cu do meu marido. Ele, sim, sabe dar o cu gostoso, melhor que eu. Fode ele!

Meu pau estava a ponto de arrebentar. Luísa ajeitou-se na minha frente, com a cabeça enfiada nos lençóis, expondo-me seu cu delicioso. Carla passou uma montanha de creme em nós dois e ajudou com as mãos a arreganhar o rabo do marido. Durante toda a foda, ele tinha sido a minha femeazinha obediente e merecia receber o prazer mais desejado, assim como Carla precisava ver o que mais queria.

Enfiei com força, tirei e enfiei de novo. Acelerei o vaivém. Meus movimentos tornaram-se frenéticos e violentos.

— Goza no cu do meu viadinho! — gritou Carla, enquanto seu marido gemia cada vez mais rouco.

Tive a impressão de esporrar uns dois litros bem medidos dentro do cu de Luís. A camisinha quase estourou. Carla nos beijava e lambia, cheia de prazer e gozando também.

Saímos do motel abraçados como grandes e velhos amigos. No dia seguinte, antes de voltarem para o Rio, eles me ligaram e deixaram recado na secretária eletrônica agradecendo o tratamento, o carinho, a amizade, o gozo, o prazer e, principalmente, minha sensibilidade em obrigar os dois a fazerem exatamente aquilo que queriam fazer.

Aquelas três horas de prazer absoluto, sem medida nem fronteira, serão repetidas muitas e muitas vezes, sempre que pudermos estar juntos. É assim que faço — pois é assim que gosto de fazer — com casais em que ambos, marido e mulher, realmente desejem ser minhas fêmeas obedientes e gozar muito.

Eu decido. Vocês gozam. O resto não tem importância.

Klaus, Caixa Postal 61014, São Paulo, SP, CEP 05071-970.

Cama e Mesa

Na época, Lucinha estava com 19 anos. Uma gata de cerca de 1,65m, 43kg, cintura certinha coroando um bumbum redondo e farto. Tinha coxas roliças e seios médios. A carinha de boneca, em que sobressaíam os olhos castanho-escuros, era emoldurada por cabelos pretos e lisos que desciam até o meio das costas. Quando punha os óculos, assumia um certo ar de tia de pré-primário.

Eu, com 40 anos, bem podia passar por seu jovial pai.

Trabalhávamos juntos, e a paquera inevitável começou a evoluir. Um dia, terminado o expediente, o escritório vazio, vi a porta da minha sala sendo aberta devagar. Era ela. Entrou, sorrateira, com uma carinha de "quero cafuné".

— Perdeu a condução ou esqueceu alguma coisa? — perguntei.

Lucinha deu-me as costas e dirigiu-se até a janela.

— Estou precisando falar com você — respondeu, num fio de voz.

— Sou todo ouvidos. Venha cá. Sente-se no sofá.

Ela veio, matreira, olhinhos encabulados.

— Sei lá... tô meio sem jeito...

Sentei-me ao seu lado e arrisquei um abraço, trazendo-a de encontro a mim. Lucinha correspondeu deitando a cabeça no meu ombro.

Lucinha delirava ao sentir minha vara pulsando em seu ventre

— Pode se abrir comigo — sussurrei no seu ouvido. — Aqui, só estamos eu e você...

Lucinha não disse nada. Apenas abraçou-me com força, colou o rosto no meu e, afagando minha nuca, deu-me vários beijos, primeiro no rosto, depois na boca.

Comecei a levantar sua saia e a apalpar suas nádegas. Vendo que o circo ia pegar fogo, Lucinha sugeriu que fôssemos para outro lugar. Sem trocarmos uma palavra, num piscar de olhos, estávamos no meu apartamento. Nem era preciso atiçar o fogo, mas ofereci um drinque. Entre um gole e outro, fomos nos despindo. Sem que ela ao menos percebesse, coloquei uma música de fundo para embalar nossos gemidos.

Lucinha delirava ao sentir minha vara pulsando em seu ventre, enquanto minhas mãos exploravam seu traseiro, e nos beijávamos com ardor. De repente, a gatinha disse que não estava agüentando mais e posicionou-se de cócoras para abocanhar minha chapeleta.

Fiquei de pé, admirando a cena, dando compassadas e sutis estocadas em sua boquinha sedenta. Quase à beira do gozo, tirei o brinquedo de sua boca. Deitei Lucinha no sofá e passei a chupar seus seios. Deslizei os lábios pelo seu corpo até me defrontar com sua vulva cabeluda, onde pulsava um mimoso grelinho.

Que delícia! Que sabor!

Não agüentando mais, posicionei-a e comecei a estocar sua grutinha,

Fiz Lucinha gemer até a exaustão, arrancando-lhe sucessivos orgasmos. Com a caceta estalando de dura, coloquei a gata ajoelhada no sofá e preparei-me para possuir sua bocetinha por trás. Ela murmurou:

— Põe devagar, que é a primeira vez que dou atrás!

Sinceramente, não era essa a minha intenção. Mas, depois da sua declaração, agachei-me e comecei a beijar seu rabinho virgem, linguando e saboreando suas pregas, que piscavam de tesão.

Não agüentando mais, posicionei-a e comecei a estocar sua grutinha, que, mesmo encharcada, oferecia resistência à entrada da minha ferramenta. Fui cutucando devagarinho, até conseguir alojar metade da peia em seu interior. Parei. Ficamos nos sentindo. Aos poucos, recomecei os movimentos, bombeando ora com força, ora suavemente, mas sempre devagar e cuidadosamente, dilatando mais e mais a grutinha, fazendo Lucinha gemer alto.

— Ai! Como é bom — ela gritava.

— Tá dodói, filhinha?

— Tá, mas tá gostoso, paizinho!

Vendo que o gozo se aproximava, tirei o mastro da boceta e comecei a forçar entrada no rabinho.

— Não! — Lucinha assustou-se. — Não faz isso comigo, que eu não agüento!

Ela dizia isso, mas continuava a procurar meu pau com a bunda.

— Relaxa, filhinha, que o papai vai colocar bem devagarinho, tá?

Ao mesmo tempo que massageava seu grelo, empurrava o caralho para dentro, decididamente, embora com toda a delicadeza. Suas pregas mordiam minha vara como dentes. Como era quente aquele cuzinho! Dei-lhe uns tapas na bunda, fazendo-a rebolar bem gostoso. Só depois de fazer Lucinha gozar outra vez, liberei minha carga, inundando-a com generosas golfadas de porra. Finalmente, desembainhei a peia. Lucinha levantou-se, abraçou-me sorrindo e deu-me um delicioso beijo.

Nossos encontros continuaram por cerca de um ano, até ela ter de mudar-se para outra cidade. Desde então, perdemos todo o contato.

Se você, mulher mal-amada, quer ter um relacionamento discreto, higiênico e, principalmente, repleto de prazer, reflita e escreva-me. Propostas de casais serão apreciadas, mas sem homo (posso ser voyeur). Sou moreno-claro, solteiro, 1,70m, boa-pinta, ferramenta standard, bom papo, muito compreensivo. Cartas com foto/fone terão tratamento especial. Caixa dividida. P

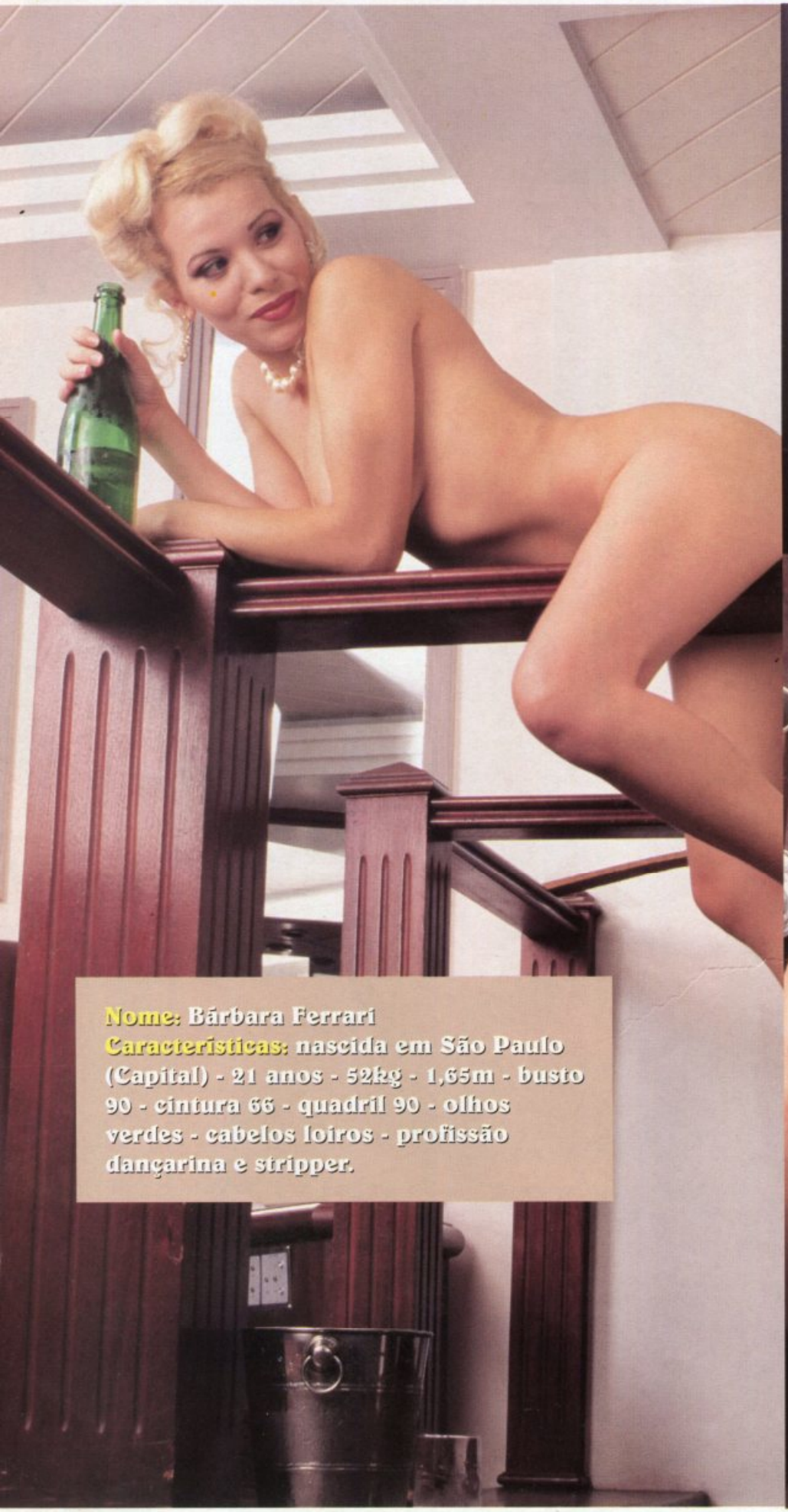
Chan, Caixa Postal 483, Santos, SP, CEP 11001-970.

Bárbara

fotos - Studio Phabrica:
Walmir Piva, fotógrafo
José Afonso, assist. fotografia

cabelo/maquiagem - John

Depois do sucesso obtido em várias apresentações na Região Norte, durante o período de férias de final/início de ano, Bárbara acaba de retornar do Sul do Brasil, onde manteve o brilho com seus shows de strip-tease e dança erótica



Nome: Bárbara Ferrari
Caracteristicas: nascida em São Paulo (Capital) - 21 anos - 52kg - 1,65m - busto 90 - cintura 66 - quadril 90 - olhos verdes - cabelos loiros - profissão dançarina e stripper.

CHANDO

Hobbies: dança, música e, é claro, muito sexo!
Preferências sexuais: "Gosto do sexo de uma forma bem criativa, sem rotina, como, por exemplo, no meio de um canavial, numa viagem de trem, tudo da maneira mais louca possível".

Tipo de homem: "Se for imaginativo e souber transar legal, qualquer tipo físico me atrai. Mas dou uma dica: considero Al Pacino (*Perfume de Mulher*) um tesão de homem".

Posar para a *PRIVATE*: "Senti-me muito bem; bastante à vontade. Já posei para outras revistas, mas esta foi uma experiência ímpar".

"Depois desta experiência, acredito que meus horizontes se abrirão ainda mais. Espero continuar fazendo muitos shows por este Brasil afora."

Os leitores que quiserem escrever para Bárbara poderão fazê-lo através da Caixa Postal 569, Campinas-SP, CEP 13012-970. Ela promete responder a todos.

Contatos para show: telefone (019) 236-1166 código de BIP 190-7749.

Nossos agradecimentos à direção do Vegas Motel (Av. Nações Unidas, 16091, São Paulo-SP, Telefone 011/522-9222), que gentilmente nos cedeu as dependências da sua suíte "Imperial" para a produção deste ensaio fotográfico.

Sailor & Gueisa

Os japoneses não abrem mão da tradição, principalmente em matéria de sexo. As modernas gueixas ainda recebem seus amantes como antigamente, com uma mistura excitante de refinamento e devassidão. Educadas para dar prazer ao homem, elas sabem transformar o próprio corpo em fonte das mais sofisticadas delícias.

Posições, técnicas, truques, as amantes orientais usam todos os recursos e ousadias para aumentar o tesão do parceiro; cada orifício, cada pedacinho do corpo é cumulado de carícias; os gozos multiplicam-se até a completa satisfação da libido. Uma transa feita com engenho e arte, deliciosamente inesquecível.